

A MORTE COMO O FIM PARA UM COMEÇO SEM FIM, EM TOMÁS DE AQUINO.

Paulo Faitanin¹ – *Universidade Federal Fluminense.*

Abstract: The intent of this paper is to present a brief analysis of the concept of death in the philosophical and theological thought of Thomas Aquinas. It is intended, therefore, to present the death as the end to a beginning endless..

Keywords: Thomas Aquinas; Person; Death; End; Beginning.

Resumo: A intenção deste artigo é apresentar uma breve análise da noção de morte no pensamento filosófico e teológico de Tomás de Aquino. Pretende-se, com isso, apresentar a morte como o fim para um começo sem fim.

Palavras-chave: Tomás de Aquino; Pessoa; Morte; Fim; Começo.

1. INTRODUÇÃO.

Por *morte* entende-se aqui um tema relacionado à antropologia filosófica que estuda a morte como uma privação da vida no corpo, em razão da expiração do sopro de vida no corpo, concomitante ou não a um processo natural da sua degeneração ou corrupção, a partir de uma análise metafísico-teológica da morte no homem.

O Aquinate considera a morte em todos os seus aspectos essenciais: condição natural, consequência do pecado e vitória da vida sobre a morte, segundo o modelo cristológico. Define-se morte como a corrupção do corpo. Ora, por corrupção entende-se a consumação de um princípio que existe em algo corruptível. Por isso, diz-se que algo é *corruptível* por possuir em si mesmo algum princípio de corrupção². Ora, algo é *corruptível* porque possui o princípio de *corruptibilidade* que é a *matéria*³. Deste modo, tudo que é material é corruptível.

A *matéria* é corruptível porque é composta de contrários; e tudo o que se compõe de contrários é naturalmente corruptível, como que tendo em si mesmo a causa de sua corrupção⁴. Do que se segue que por *corrupção* entende-se, aqui, toda e qualquer mutação de ser a não-ser⁵, de sujeito em não-sujeito⁶,

¹ Professor Associado II de Filosofia Medieval do Departamento de Filosofia da UFF.

² TOMÁS DE AQUINO. *STb.* I, q. 50, a. 5, ad 3.

³ TOMÁS DE AQUINO. *STb.* I-II, q. 85, a. 6, c.

⁴ TOMÁS DE AQUINO. *STb.* I, q. 85, a. 6, obj. 2.

⁵ TOMÁS DE AQUINO. *CG.* I, 26.

de homem em não-homem⁷, ou seja, a destruição, extinção do ser material⁸, a destruição e a dissolução dos elementos do corpo⁹, sua aniquilação¹⁰. Ora, como toda substância material é composta de matéria e forma, a sua corrupção será sempre a separação da matéria e forma¹¹. Por isso, toda corrupção - que é do composto - é pela separação da forma da matéria¹².

2. O FIM PARA O COMEÇO.

Por *morte* entende-se aqui a separação da alma do corpo¹³. Ora, se a alma é a forma do corpo e se a corrupção é a separação da forma do corpo, segue-se que a morte é a corrupção do corpo. E se a alma humana é a forma do corpo e se é a forma que dá a vida ao corpo, segue-se que a morte é a privação da vida no corpo¹⁴. Ora, sendo a alma racional incorruptível, ela mesma é imortal. Então a morte só ocorreria no corpo, como dissemos. Mas por que a alma separar-se-ia do corpo? Diz o Aquinate que a morte é a pena consequente do pecado original¹⁵. Antes da morte do corpo, que é a separação da alma do corpo, houve a morte do espírito, que é a separação, o distanciamento, da alma humana da proximidade de Deus¹⁶.

Assim, todo corpo físico está ordenado à corrupção, por causa do princípio de corruptibilidade da matéria. Mas há corpos que apenas se corrompem, sem perder a vida, e há os que, além de se corromperem, perdem-na — e a sua destruição é muito mais do que uma simples corrupção da matéria. Por isso, as pedras não morrem, mas se corrompem pela erosão, enquanto as plantas não simplesmente se corrompem, mas morrem, porque perdem a sua vida, com a corrupção da matéria. Por isso, todo ser biológico, além de se corromper, morre, pois a corrupção do seu corpo significa a perda da vida, enquanto autonomia do seu movimento.

Ora, os corpos dotados de vida sensível, mais do que uma simples corrupção sofrem a morte, pois ela não é apenas a destruição da sua matéria, mas o cessar com dor física da vida na matéria. Contudo, nenhum ser padece mais a morte do que o homem, pois ele não a sofre só fisicamente, mas também espiritualmente.

⁶ TOMÁS DE AQUINO. *In V Phys. Lec. 2.*

⁷ TOMÁS DE AQUINO. *In I Phys. Lec. 13, n. 4.*

⁸ TOMÁS DE AQUINO. *STh. III, q. 50, a. 5, obj. 3.*

⁹ TOMÁS DE AQUINO. *Quodl. 3, q. 2, a. 4, c.*

¹⁰ TOMÁS DE AQUINO. *De Ver. q. 5, a. 2, ad 6.*

¹¹ TOMÁS DE AQUINO. *STh. III, q. 77, a. 4, obj. 1.*

¹² TOMÁS DE AQUINO. *CG. II, 55.*

¹³ TOMÁS DE AQUINO. *In I Gener. Lec. 15, n. 5.*

¹⁴ TOMÁS DE AQUINO. *STh. III, q. 50, a. 6, obj. 1.*

¹⁵ TOMÁS DE AQUINO. *STh. I-II, q. 81, a. 3, obj. 2.*

¹⁶ TOMÁS DE AQUINO. *CG. III, 130.*

Neste sentido, embora haja dor na corrupção dos demais seres vivos sensíveis, os animais, o sofrimento é mais próprio e profundo no homem, pois o homem tem consciência dela. Diz-se com propriedade que os animais morrem, pois com a morte ocorre o fim do ser e da vida deles; e ainda que se logre um novo animal, por exemplo, por meio da clonagem, a partir das células do que morreu, não teremos com isso a antiga vida, senão uma nova.

Segundo o que vimos acima, com relação ao homem, no horizonte tomista, é conseqüente deduzir que só analogamente podemos aplicar à natureza humana e à alma humana o conceito de morte, posto que a alma intelectual - que é o constitutivo essencial da natureza humana - é imaterial, incorruptível e, portanto, imortal¹⁷. A morte como condição natural diz respeito ao corpo, que está sujeito à geração e à corrupção¹⁸. Neste caso, a morte não significa o fim do ser e da vida, mas apenas o fim do ser e da vida no corpo, mediante a corrupção.

De fato, a alma humana dá o ser e a vida ao corpo, por isso com a morte é o corpo que perde o ser e a vida, os quais permanecem na alma, ainda que de modo incompleto. Por isso, será impróprio dizer que o homem morre e só, equivocadamente, o diremos, pois a sua morte não é substancial, mas acidental, ou seja: algo que não é do ser da substância, mas lhe advém como privação de algum bem dela.

3. O COMEÇO SEM FIM.

A morte não estava originalmente destinada ao homem por Deus, embora fosse natural a corrupção do corpo, patente na realidade humana¹⁹. Se Adão continuasse na graça seu corpo não se corromperia, em razão da força da graça no espírito. Mas deixado por si só, sem a graça e no pecado, o corpo de Adão naturalmente se corrompeu. Portanto, por causa do pecado, derivou a necessidade da morte do corpo, segundo a exigência da natureza²⁰.

A natureza humana foi subtraída da justiça original, pela qual o homem era imortal, por causa do pecado dos primeiros pais, pois as suas operações feriram a alma e introduziram a desordem em suas faculdades, pelo que se introduziu também a desordem no corpo, do que se seguiu a pena: *a morte*. A morte é a pena conseqüente da culpa do pecado original, derivada da subtração da graça original²¹.

Segundo um olhar meramente cientificista e mecanicista a morte continua sendo a corrupção do corpo, de tal maneira que, se fosse descoberto

¹⁷ TOMÁS DE AQUINO. *CTb*. III, 84.

¹⁸ TOMÁS DE AQUINO. *STb*. I, q.85, a. 6.

¹⁹ TOMÁS DE AQUINO. *STb*. I, q.77, a. 8, c.

²⁰ TOMÁS DE AQUINO. *STb*. I, q. 97, a. 1.

²¹ TOMÁS DE AQUINO. *STb*. I, q. 97, a. 5.

algum elixir da vida que curasse todos os males, o homem nunca morreria. Apesar de não estar de todo equivocado este olhar pragmático, ele reduz a morte a um simples fato biológico e não considera o seu aspecto *transcendental*.

Contudo, há no homem algo que transcende esta condição material, sem que com isso contradiga esta visão científica. O que se quer dizer é que o que se atesta como falha do corpo, não tem como causa única a própria contingência do corpo, mas uma causa superior que não só é razão da união originária de ambos, alma e corpo, mas reitora e mantenedora desta própria união, segundo a providência divina, regulada sempre por Sua justiça e amor.

Por isso, esta definição de morte como corrupção do corpo, embora correta no âmbito pragmático da experiência da vida humana, não abrange em sua indicação a dimensão espiritual subsistente e imortal da alma humana. Se a abrangesse, o homem não poderia ser definido só como animal racional mortal, pois se nele se insere a dimensão espiritual, havendo de também defini-lo como *imortal*.

Mas seria contraditório se uma definição afirmasse que o homem não é mortal e imortal ao mesmo tempo. Sem procurar entender o aspecto transcendental ou mesmo procurando não o aceitar, os pragmáticos cientistas optam por ficar com a última hipótese: *a morte é algo meramente biológico e continuam a procurar o elixir da vida eterna... até que eles mesmos morrerem*.

Esta dimensão transcendental da morte tem a ver com a morte expiatória de Cristo, em suas duas vertentes: *escatológica* e *soteriológica*. Por *escatologia* entende-se aqui não a parte da teologia que estuda o fim remoto do homem, mas uma parte da antropologia filosófica que estuda o fim próximo e remoto do homem, quando do seu juízo particular e final, sob a análise metafísica de sua natureza e dos princípios morais da sua vida.

A ressurreição de Jesus Cristo não marcou só o Seu triunfo sobre a morte, mas também a antecipação do nosso triunfo, n'Ele, com Ele e por Ele, sobre a morte, no fim dos tempos²². Por *soteriologia* entende-se o estudo da salvação humana, que passa pela morte do corpo e pela renovação da vida do espírito pela graça que o homem recebe pelos méritos de Cristo.

O homem, pelo lado do corpo, que é matéria geneticamente herdada pela geração, é corruptível, mas pelo lado da alma, que é espírito de vida criado por Deus, é incorruptível; por isso, ao contrário dos animais irracionais, cuja alma se corrompe juntamente com o corpo²³, o ser humano não morre substancialmente. A morte é, pois, a corrupção do corpo que causa a separação da alma. Neste sentido, *a morte é no homem e não do homem*.

Se no espírito se forja a consciência de que a morte não é um mal natural – razão pela qual ele naturalmente sofre e evita a morte – somente pelo mesmo espírito buscar-se-á uma explicação acerca de como a morte entrou na

²² TOMÁS DE AQUINO. *In I Thess.* 4, *Lec.* 2.

²³ TOMÁS DE AQUINO. *STh.* I, q. 75, a. 4, c.

natureza humana e serve de pedestal para uma vida eterna. Não foi o corpo que “imaneceu” e impôs o inevitável princípio de corruptibilidade à natureza humana, causando-lhe a morte, mas foi o espírito que por aversão a Deus, por sua parte substancial mais digna e nobre, a alma intelectual, deixou de comunicar a lei da incorruptibilidade e imortalidade ao corpo humano, mediante os dons preternaturais. Ora, o espírito é a perfeição da natureza humana.

De acordo com a doutrina tomista, o corpo, que depende da perfeição conferida pelo espírito para ser o que é — e em suma, subsistir —, sofre a consequência do pecado do espírito. Assim, a morte do espírito, advinda de alguma imperfeição do espírito, o pecado, “cai” sobre o corpo. A corrupção é natural aos corpos, mas a morte no homem é pena do pecado original²⁴.

Contudo, a alma espiritual, que é subsistente, subsiste individualmente e guarda, ao seu modo, o que de essencial lhe determinou o corpo, estando ela naturalmente apta a unir-se novamente ao que era o seu corpo, mas não por sua força e poder, senão pela força e poder da ressurreição de Cristo, na qual reside a promessa de nossa ressurreição no fim dos tempos.

De fato, Tomás, ciente disso, trouxe para a sua filosofia análises muito interessantes ao sustentar que a perfeição do homem é o todo que ele é aqui e agora, pois a sua completude só se dá na união substancial das suas partes em ato e esta substância realmente só é completa quando alma humana e corpo se encontram atualmente unidos, pois a alma humana só é completa, em sua natureza, quando ainda se encontra unida ao seu corpo, não quando separada dele²⁵.

Nesta perspectiva, a alma humana, quando separada do seu corpo, ainda que seja espiritual e subsistente, permanece com uma natural inclinação da sua substância para voltar a unir-se ao seu corpo e não a qualquer corpo. O mesmo não se diga das cinzas do corpo, pois elas não guardam da sua união substancial com a sua alma, nenhuma inclinação natural para a sua alma, quando da sua ressurreição. Tais cinzas apenas serão restabelecidas pelo poder e providências divinas e não naturalmente pela inclinação do que restou do corpo para sua alma²⁶.

Apesar disso, tendo sido o homem desde o início uma união substancial, a morte não é uma absoluta separação substancial, pois isto seria um absurdo tanto pela fé como pela razão. De fato, se o homem é criado à imagem e semelhança de Deus Filho – Cristo – e se Ele é o modelo de toda criatura humana, Sua ressurreição, como promessa, se estende a todo homem.

Logo, a alma humana criada num corpo, ressuscitará pela promessa de Cristo no mesmo corpo, no qual ela foi criada e não em outro formado ou

²⁴ TOMÁS DE AQUINO. *STh.* I, q. 5, a. 4, c.

²⁵ TOMÁS DE AQUINO. *In IV Sent.* d. 49, q. 1, a. 4, q. 1, c.

²⁶ TOMÁS DE AQUINO. *STh. Supplementum* III, q. 78, a. 3, c.

existente, afastando de uma só vez a heresia de Orígenes e a falsa doutrina espírita das sucessivas reencarnações, em substituição à única ressurreição.

Como poderia permanecer esta inclinação ao seu corpo se a ruptura foi substancial? A resposta deve advir do fato de que foi substancial, mas não total, pois a alma humana não foi criada para existir separada do corpo, senão unida a ele, por isso, mesmo se quebrado o vínculo substancial, nada impede que o autor originário do vínculo o restabeleça, não por violência, mas de modo livre e justo, pois a ruptura do homem com Deus, que causou a ruptura do vínculo substancial do corpo com a alma, foi violenta e injusta.

De fato, foi para além de uma mera ruptura natural, uma ruptura de vínculo sobrenatural. Contudo, isso não é maior do que o amor²⁷ de Quem instituiu o próprio vínculo e nem constitui contradição ou obstáculo para que Ele por Seu poder restabeleça novamente unido o que nunca deveria ter sido separado.

Se tal união é substancial, ela só pode ser desfeita substancialmente pela ruptura do homem com Quem causou tal união. Ora, Deus é o autor desta união, portanto, restabelecendo este vínculo, a morte, que é a ruptura do vínculo da alma como o corpo, passa da ordem de uma ruptura substancial definitiva, para uma ruptura ‘acidental’ e temporal.

É evidente, pois, que mesmo sendo uma separação substancial, a saber, a quebra de um vínculo interno da união, isso supõe previamente uma ruptura superior que rege a própria união substancial. Em outras palavras, o homem, tendo sido criado para não morrer em razão de uma ação livre - cuja responsabilidade e consequência da escolha custariam a permanência do vínculo ou a sua perda - acaba por recair-lhe a morte em razão desta ruptura substancial, sendo o próprio homem refém do seu ato e incapaz por sua natureza de restituir-lhe este vínculo. Por isso, a morte lhe aterroriza²⁸.

Por esta mesma razão, a reparação deste vínculo requer força e poder que transcendem à própria vontade de poder do homem, pois o que possibilita sua restauração encontra-se só parcialmente na parte espiritual da sua substância, pois o essencial para tal é dado gratuitamente por Deus, segundo o modelo de Cristo, sem, no entanto, dispensar o pleno exercício do apanágio da natureza humana, que é a sua liberdade.

Portanto, nenhum homem vencerá a morte pela via natural, porque nenhuma ciência poderá restituir ao homem, mediante algum elixir, o que se foi perdido *sobrenaturalmente*, em razão da escolha livre do primeiro homem,

²⁷ FAITANIN, P. S. “O êxtase do amor de Deus pelo homem segundo Santo Tomás de Aquino”. In *Idea*, v. 1, (2009), pp. 147-172; *IDEM*. *O Único Necessário: a perfeição da vida espiritual, segundo Santo Tomás de Aquino*. Cadernos da Aquinate, n. 4. Niterói: Instituto Aquinate, 2008, pp. 7-8.

²⁸ TOMÁS DE AQUINO. In *Symb. Apost.* a. 11: “é impossível, pois, que o homem não ressinta a morte da sua carne, por isso se espera a sua ressurreição, que muito diminui a dor da morte”.

por quem entrou a morte no mundo. Por causa dos méritos de Cristo, a morte não é do homem, mas no homem. Por causa d'Ele se pode dizer que o que era ruptura essencial e para sempre, tornou-se, num linguajar filosófico, acidental e temporal. Não por razão da força e desejo ou poder do próprio homem, mas por causa da promessa restauradora de Deus realizada na redenção humana do Seu Filho encarnado.

Restaura-se em Cristo o penhor de manter unido o que nunca deveria ter sido separado. Por isso, pode-se analogicamente dizer que tal separação que antes da ação de Cristo foi substancial, agora, com a Sua redenção torna-se acidental, não sendo, portanto, possível que seja restabelecido este vínculo sem a Sua graça, o 'remédio', a 'cura' sobrenatural de uma ruptura substancial sobrenatural.

Ora, se por Cristo o que era substancialmente impossível tornou-se possível, então se ratifica o dogma da ressurreição final, em que todas as almas, santas ou não, no fim dos tempos, assumirão, não por seu poder, mas pelo de Cristo, os seus mesmos corpos. Mas por que razão Deus buscou restabelecer estes vínculos? O que há no homem que o atrai amorosamente e que o torna digno de tamanha ação divina?

Estas questões nos levam a afirmar que o homem, independente do seu entender, querer e escolher, é incondicional e profundamente amado pelo o que ele é em si mesmo. Tamanho amor supera todas as indolências humanas, desde que o homem esteja aberto a compreender este amor e livremente a ele adira, à medida do que Ele alcance amar a natureza humana²⁹.

Restauração já iniciada com Cristo e que nos coloca ainda dentro do *hexameron*³⁰, cujo ápice dar-se-á com o repouso divino, após a renovação de toda a criação, incluindo a do homem, e que somente ocorrerá com a

²⁹ FAITANIN, P. S. *O Único Necessário: a perfeição da vida espiritual segundo Santo Tomás de Aquino*. Cadernos da Aquinate, n. 4. Niterói: Instituto Aquinate, 2008, pp. 7-8.

³⁰ A palavra *hexameron* significa seis dias e se refere aos seis primeiros dias da criação, cujo último dia refere-se à criação do homem: Gn 1, 26. Como houve uma tarde e uma manhã no sexto dia (Gn 1, 31), nada impede interpretar, por exemplo, sem contradizer a Escritura, que a criação do homem se deu à tarde, sua queda na noite e o início do seu resgate na madrugada para a manhã ainda do sexto dia (conforme a divisão de horas no calendário judaico). Neste caso, poderíamos inclusive estar na vigília para o último dia, como na espera da sua aurora. De qualquer modo seria contraditório à narrativa cristã se sustentássemos que foi na mesma hora da sua criação que o homem caiu, embora não seja contraditório dizer que tenha sido no mesmo dia, já que o dia teve uma tarde e uma manhã, também tendo em conta que um dia de criação para Deus não corresponde a um dia nosso, mas a muitos dos nossos dias. Por isso, não se pode sustentar que o homem foi criado e caiu numa mesma hora, seja porque contraria as Escrituras, seja porque contraria à própria razão. Pode-se também sustentar-se que parece ter sido ainda no mesmo dia em que se iniciou o resgate do homem, obviamente não no mesmo instante ou momento da sua criação e da sua queda, mas num momento imediatamente posterior, como se narra em Gn 3, 15, prenunciando a ação da Virgem contra o maligno.

ressurreição no Juízo Final³¹. Equivocam-se, pois, os que pensam, influenciados por certas doutrinas, que já estaríamos completamente fora do *hexameron* e já vivendo o Juízo Final.

De fato, com Cristo deu-se o início da restauração, mas ainda não o seu fim, cujo dia e hora desconhecemos. Para os que assim creem muito bem se aplicam as palavras do Apóstolo: são como crianças que estão nas praças com seus jogos, sendo jogados por todo vento de doutrina (Ef 4, 14)³². Eles já não esperam os bens espirituais da vida futura, porque gozam todos os bens materiais da vida presente.

Ora, se é no final que Deus cessou de criar e descansou (Gn 2, 1-3), ou é falso que as almas continuam sendo criadas segundo o amor de Deus, porque estaríamos no último dia, ou é verdadeira a doutrina condenada que ensina que todas as almas já preexistiam³³. Mas, ambas as considerações acima são absurdas, pois se, de fato, Deus ainda continua criando o que mais ama, a saber, as almas; segue-se que nem todas as almas já foram criadas³⁴, pois naquele dia ainda serão encontrados homens vivos como se lê em 1 Ts 4, 15³⁵.

Assim, se não foram todas criadas, Deus pode criá-las até o instante anterior ao fim remoto, pois isso em nada contradiz ou impede a onipotência divina, a saber, continuar criando e infundindo as almas nos corpos que forem dispostos para as suas criações. Por isso, sem precisar o dia e a hora, é possível pensar que nos encontramos ainda dentro do *hexameron* a espera do enlace final em que Deus tudo renovará e tudo n'Ele repousará.

Na tradição cristã, por causa da ressurreição de Cristo, que se deu após o sábado (sétimo dia), no raiar do primeiro dia da semana (domingo) conforme se lê em Mt 28, 1³⁶, o domingo passa a ser entendido como *primeiro dia* tanto para efeito do início da criação, enquanto se refere à tradição judaico-cristã, com relação ao reconhecimento da narrativa bíblica dada em Gênesis, quanto para efeito da *renovação da criação*, inaugurado com a ressurreição de Cristo, passando a ter este dia a conotação de primeiro e oitavo, porque tudo converge para e se renova em Cristo como se lê em Ef 1,10³⁷; Col 1,20; 2 Pd

³¹ TOMÁS DE AQUINO. *CG. IV*, c. 96.

³² TOMÁS DE AQUINO. *Super Eph.* c. 4, *Lec. 2*.

³³ ORÍGENES. *Peri Archon*, I, 7, 4.

³⁴ TOMÁS DE AQUINO. *In I Sent.* d. 42, q. 2, a. 3, c; *In II Sent.* d. 17, q. 2, a. 2, *ad 3*; *In II Sent.* d. 32, q. 2, a. 1, *ad 1*; *CG. IV*, 82, n. 7 [*Editio Corpus Thomisticum*]; *De Ver.* q. 29, a. 8, arg. 3. O Magistério da Igreja confirma isso: CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 366.

³⁵ TOMÁS DE AQUINO. *Super I Thes.* c. 4, *lec. 2*: “Portanto, deve-se dizer que alguns serão encontrados vivos naquele tempo, em que Cristo virá para o Juízo; ora, naquele instante de tempo morrerão e logo em seguida ressuscitarão. Por isso, por causa do curto tempo de interpolação serão contados os viventes”.

³⁶ TOMÁS DE AQUINO. *Super Matth.* c. 28: “onde *véspera de sábado*, é o que é após o sábado”. *STh. Supplementum III*, q. 77, a. 3, c.

³⁷ TOMÁS DE AQUINO. *Super Eph.* c. 1, *Lec. 1*.

3, 10-13; onde início e fim, ontem e hoje sempre se encontram, como se vê em Hb 13, 8; o alfa e o ômega, segundo Ap 1, 8.

Enfim, embora só Deus saiba o tempo³⁸, é plausível considerar que nós nos encontramos no sexto dia, na noite que se seguiu à tarde da criação, ou já no interstício do sexto para o sétimo dia, em seu crepúsculo, à espera da aurora eterna. E ainda que não possamos determinar a hora deste tempo em que se dará a ressurreição, da qual não se pode saber certamente, pode-se, não obstante, dizer que provavelmente a ressurreição será na aurora, independente se na aurora do Oriente ou do Ocidente³⁹, por causa da ressurreição de Cristo, que se deu após o sábado (sétimo dia), no *raiar* do primeiro dia da semana (domingo) conforme se vê em Mt 28, 1.

O certo é que esperamos o dia eterno do Senhor, em que Ele repousará. Vida eterna que cremos e esperamos, que é o fim de todos os nossos desejos, na consumação da visão de Deus⁴⁰. De qualquer maneira, o centro de todo este acontecimento é o próprio Cristo, o novo Adão, Filho Unigênito do Pai, por Quem, mediante Seu mérito e graça, o homem torna-se já, enquanto *viator*, ao menos parcialmente, capaz de verdadeiramente reconhecer-se como homem. E tem de ser Cristo esta unidade restauradora, por que se, por causa d'Ele fomos criados, por Sua causa seremos restaurados.

³⁸ TOMÁS DE AQUINO. *STh. Supplementum* III, q. 77, a. 2, c.

³⁹ TOMÁS DE AQUINO. *STh. Supplementum* III, q. 77, a. 3, c.

⁴⁰ TOMÁS DE AQUINO. *In Symb. Apost.* a. 12.